

Educação musical na escola: “ecologizando” saberes no espaço rural

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: 2.1.8. Práxis de formação em música na atualidade: múltiplas abordagens, contextos e perspectivas

Resumo: Neste trabalho, propõe-se discutir a Educação Musical sob a ótica da atividade e dinamismo, a partir da proposta de “ecologizar” os saberes no espaço rural. Nesse cenário, considera fundamental buscar novos caminhos que resultem em aulas de música criativas e pensadas a partir das potencialidades da cultura musical proeminente no meio rural. De igual modo, avalia-se ser fundamental a participação do professor de música nesse contexto. Para dialogar, debruça-se nas reflexões de Boaventura de Souza Santos (2007, 2010, 2014), que fundamentará a construção de tessituras potencializadas em discussões referente à natureza humana, à cultura, à realidade e aos distintos saberes.

Palavras-chave: Educação musical. Ruralidades. Epistemologias do Sul. Prática docente.

Title: MUSICAL EDUCATION AT SCHOOL: “ECOLOGIZING” KNOWLEDGE IN RURAL AREAS

Abstract: In this work, it is proposed to discuss Musical Education from the perspective of activity and dynamism, based on the proposal to “ecologize” the knowledge in rural areas. In this scope, it is considered fundamental to look for new paths that result in creative music lessons, based on the potential of the prominent musical culture in rural areas. Likewise, the participation of the music teacher in this context is considered essential. In order to dialogue, it is focused on the reflections of Boaventura de Souza Santos (2007, 2010, 2014), which will support the construction of potentialized texts in discussions about human nature, culture, reality and different knowledge.

Keywords. Musical education. Ruralities. Epistemologies of the South. Teaching practice.

1. Introdução

É comum que se conceba a escola localizada no espaço rural a partir de diferentes olhares. Provavelmente, isso ocorre pelas relações estabelecidas a partir de informações compartilhadas na grande mídia ou, até mesmo, pelo imaginário que nem sempre condiz com a realidade – idealizada por grande parte da sociedade. Realmente, quando se fala da escola rural, o panorama é bem diferente de uma escola urbana: a média de permanência dos alunos, a estrutura e equipamentos escassos, o espaço físico em tamanho reduzido e a constante prática de turmas multisseriadas¹ ampliam o distanciamento entre os espaços escolares rural e urbano. No entanto, as diferenças que desejamos discutir neste trabalho são aquelas que envolvem o processo de vida do aluno, constituídas por saberes que se direcionam às construções culturais. A moradia diferenciada, a condução que os leva para a escola, a variação linguística, a comida que os alimenta e a música do campo que ouvem são elementos de formação cultural que se refletem em distintos saberes, que precisam ser valorizados e reconhecidos, uma vez que interferem no processo educativo, na socialização do aluno e, também, especificamente, na Educação Musical.

Para que a discussão apresentada seja significativa e apresente sólidos subsídios, foram colhidos dados a partir da experiência deste pesquisador em uma escola municipal de Seropédica, município localizado na região rural da baixada do Rio de Janeiro.

O objetivo principal deste trabalho é refletir a respeito da Educação Musical caracterizada, em especial, por seu potencial criativo e transformador, apoiada no conceito de “Ecologia de Saberes” (SOUZA SANTOS, 2007, 2010, 2014), escolhido como elemento fundante do presente trabalho. A partir desse conceito, defende-se que os saberes que nascem no “chão da escola” devem ser considerados, sobretudo, para a afirmação da cultura dos alunos, a partir dos quais abre-se para a possibilidade de se repensar as construções curriculares e de conteúdos, tendo como aporte a ruralidade de Seropédica/RJ. Para tanto, será preciso apresentar, resumidamente, as principais ideias fundantes de “Pensamento Abissal”, “Epistemologias do Sul” e “Ecologia de Saberes”, em diálogo com os processos culturais, que, em grande parte das vezes, por ser orientado pela conduta dominante, promove a estagnação do pensamento.

O presente artigo está dividido em três sessões: na primeira, apresenta-se o posicionamento de Souza Santos (2007, 2010, 2014); na segunda, considera-se a Educação Musical no contexto do “Sul”, no qual entende-se Seropédica estar inserida; na terceira, reflete-se acerca das ações do professor de música e sua atuação para “ecologização” dos saberes e afirmação da educação musical. A partir desses conceitos, pensa-se em um ensino de música plural, democratizante e emancipador, considerando-se uma Educação Musical que leve em conta o espaço escolar rural. E, finalmente, nas considerações, colocam-se os resultados, ainda que parciais, obtidos neste trabalho.

2. Das Linhas Abissais e da Ecologia de Saberes

Para potencializar esta discussão teórica, em que uma das abordagens se refere ao meio rural, faz-se necessário estabelecer um paralelo com as “Epistemologias do Sul”, de Boaventura de Souza Santos.

Ele revela uma realidade do pensamento a partir do mundo atual: “O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal”. (SOUZA SANTOS, 2007, p1). Nessa estrutura, considera-se que existem sistemas distintos que são afastados por linhas radicais que separam a realidade social. Desse modo, o pensamento abissal incorre na entrega de monopólio sobre o conhecimento à ciência moderna, determinando que esse lado da linha tenha caráter exclusivo e monopolizador das epistemologias. O efeito resultante aparece do outro lado da linha, em

que se despreza outras formas de conhecimento, outros pontos de vistas, outras representações simbólicas e outros universos significativos – que também possuem a sua importância epistemológica. Souza Santos explica que

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia. (SOUZA SANTOS, 2007, p.4)

Assim, formas de conhecimento que deveriam ser respeitadas e consideradas, desaparecem em suas irrelevâncias e incapacidades de serem mensuradas, colocando-as em situação de inércia e estagnação. Conhecimentos visíveis como os rurais, indígenas, leigos e populares tornam-se invisíveis por estarem do outro lado da linha. Trata-se de uma prática construída para desvalorizar outras formas de conhecimentos. Souza Santos afirma que essa realidade injusta é tão verdadeira hoje como foi no período colonial.

O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade são postos em causa por práticas desumanas. (SOUZA SANTOS, 2007, p.9)

Nesse contexto, é imprescindível uma mudança de postura para transformar esse modo operante de pensamento: uma ruptura no modo de agir e pensar. Desta forma, ponderamos que é preciso romper barreiras e mergulhar em tentativas para que aconteça uma justiça cognitiva global, trazendo outros conhecimentos e experiências ao conhecimento científico e acadêmico, resultando em outras maneiras de fazer ciência. Para isso, torna-se urgente reconhecer outros conhecimentos, de diferentes contextos, que são elementos fundamentais para fazer ciência. Esse conhecimento que se encontra do outro lado da linha, amplificador de vozes, de sentidos plurais, com elementos pluriculturais e diversos possibilitam maneiras para que haja dialogicidade entre saberes. É nesse contexto que surge o conceito “Ecologia de Saberes”.

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SOUZA SANTOS, 2007, p.9)

Ainda para a compreensão do conceito, Pardo explica que

[...] a ecologia de saberes estaria relacionada à diversidade e intertextualidade de saberes existentes no mundo, os quais se cruzam e se manifestam de formas diferentes, e muitas vezes semelhantes, em diversas partes do globo de acordo com as narrativas dos povos e suas perspectivas locais específicas, as quais sozinhas não conseguem dar conta de captar toda a pluralidade de conhecimentos que se apresentam no mundo, uma vez que estariam deslocados para fora de seus contextos sócio-históricos de produção, mas que ao mesmo tempo fazem referência aos saberes do outro para compreenderem a si mesmos. (PARDO, 2015, p. 19)

Outrossim, defende-se a interação entre os múltiplos saberes, neste caso, as dos alunos de Educação Musical que estudam em escola localizada no espaço rural (por vezes anônimos e esquecidos), em função dos urbanos (quase sempre midiáticos e presentes). Assim, poder-se-á permitir a afirmação cultural pelas ações do professor de música em sala de aula promovendo uma Educação Musical efetiva e democratizante. O conceito da ecologia de saberes propõe legitimar conhecimentos autênticos que fazem parte intensamente da vida das pessoas, entretanto, pela sua invisibilidade, esses conhecimentos nem sempre acessam outros patamares educativos como universidades, academias e sistemas educacionais. De igual modo, avaliamos que dificilmente esses conhecimentos chegarão também aos sistemas de ensino e aos currículos.

Nessa perspectiva, conduzir o professor de música à mudança de paradigma validando conscientemente essa ação como o ponto de partida – quando se propõe caminhar pela educação – é reelaborar a própria ação pedagógica por meio da mediação cultural.

O professor Boaventura de Souza Santos propõe, por meio da concepção das “linhas abissais” (2007), que uma linha estaria dividindo o conhecimento pertencente ao acadêmico e científico do conhecimento pertencente ao comum e popular. Portanto, propor mudanças, quando os elementos predominantes de formação da identidade cultural permanecem entremeados nos confrontos das estruturas sociais, é pensar em um movimento maior e mais amplo, com os conceitos de vida mais humanizada e partilhada, abordagens que solidificadas pelo autor, contribuem para as discussões em que a legitimação da Educação Musical no contexto do “Sul” possa ser efetivada.

3. Legitimação da Educação Musical no contexto do “Sul”

Levando-se em conta que a ruralidade está inserida nesse contexto epistemológico, questionam-se maneiras de legitimar propostas eficazes de Educação Musical, constituídas em função da realidade encontrada, por diferentes saberes. Trazer o

conceito de “Ecologias de Saberes” cingido às práticas da Educação Musical como possibilidades de novas intervenções e singulares ações criativas constitui-se em preceitos fundamentais, para se pensar em aprendizado musical no espaço rural, a partir de uma pesquisa multireferencial. Conseqüentemente, a questão que se quer refletir perpassa as estratégias adequadas para o ensino de música, em um contexto “abaixo da linha”. Para isso, procurou-se desenvolver ações em determinadas situações, por vezes, complicadas e desprovidas de diferentes questionamentos, entre os quais, se destacam os saberes constituídos presentes na própria cultura dos alunos, professores e funcionários da escola.

A partir de Souza Santos (2010), é possível compreender que os contextos culturais do “Sul” são construídos desse mesmo lado da linha. Com isso, infere-se que, do mesmo modo, os saberes e os conceitos específicos que formam a cultura no meio rural também são constituídos no “Sul”. Nessa continuidade, por interferências de saberes do “outro e da linha”, esses elementos da ruralidade: a alimentação, a oralidade, a música, sua cultura em geral, vêm perdendo os seus referenciais e suas premissas. Esses referenciais que estão desaparecendo têm relação íntima com as ações pertinentes ao próprio desenvolvimento – o manejo da terra, o modo de vida, a forma de pensar e, também, a sua musicalidade. Portanto, entende-se ser necessário promover um processo de reintegração da devida natureza desses elementos para que se legitime o conhecimento que flui na essência do espaço rural. Logo, considerando-se o espaço escolar, pensando-se nas potencialidades da cultura musical, possivelmente, se veriam também alunos da ruralidade com um potencial criador e transformador, se conectando com a sua natureza, com a sua realidade, com a sua cultura e com os seus saberes.

Por meio desse movimento no qual a ruralidade encaminha resultados que levam alunos a conceberem sua própria existência, seja no material ou no espiritual, na ação ou no pensamento, vemos que esses saberes legítimos fornecem subsídios dialógicos entre os saberes do “Sul” e os acadêmicos. Como exemplo, em nossa escola, onde animais comuns ao espaço rural assumem o lugar no cotidiano, possivelmente, a intermediação desses processos geram símbolos e signos culturalmente construídos. Estes, requerem atenção para que haja o reconhecimento desses elementos de formação cultural: saberes que perpassam as “Epistemologias do Sul.”²

Discutir a Educação Musical a partir da escola no espaço rural é promover modos de libertação dos saberes constituídos em seu próprio espaço natural, o “Sul”, com intuito de deferimento e legitimação, colocando-os em pé de igualdade com outros saberes. Nesse

sentido, se fortalece o corpo social local contra as culturas dominantes que se ampliam mediante estratégias centradas àquelas que estão do outro lado da linha.

Levar uma Educação Musical para a sala de aula que colabore nas manifestações dos próprios modos de vida, no ritmo e no rumo do desenvolvimento do aluno reflete em provocar uma “revolução” cultural significativa. Os saberes adquiridos pela interação com o outro e na relação existente entre os elementos culturais que os cercam são disparadores para a construção do conhecimento. Conseqüentemente, reflete-se ser indispensável conhecer os saberes e a cultura musical dos alunos que vivem na ruralidade com o propósito de intervir nos processos para que se constitua Educação Musical imparcial e menos excludente. Nesse contexto, superar os desafios e afirmar os saberes constituídos pela ruralidade, buscando instrumentos para desenvolver um caminho a partir da cultura musical, é considerar as “Epistemologias do Sul”.

4. O professor de música e sua atuação para “ecologização”

A partir dos argumentos da “Ecologia de Saberes” e das “Linhas Abissais” para o contexto do espaço escolar, considerando as reflexões sobre cultura rural consoante com elementos fundamentais da Educação Musical, isto é, aqueles que contemplam a diversidade e que proporcione o desenvolvimento pessoal, para que haja legitimação dos conceitos, torna-se importante uma apreciação da atuação e do papel do professor de música na escola.

Isto é imprescindível porque a relação de ensino e aprendizagem se estabelece em tempos de constantes transformações em que modelos e métodos são colocados à prova e o que se busca é o conhecimento de como se ensina e de como se aprende em suas narrativas sociais. A Educação Musical inserida nessa trajetória, de igual modo, precisa estar alinhada com as mudanças sociais. A professora Fonterrada, ao refletir sobre essas transformações, considera que:

Desde há algum tempo, a princípio de forma difusa e depois mais enfaticamente, profundas mudanças vêm se impondo, e obrigam a buscar outras matrizes de pensamento, capazes de dar conta dessas alterações. Esse conjunto de mudanças rápidas alcança o homem, a sociedade, e afeta as ações e o próprio modo de ser de cada um pedindo por reajustes e solução. (...). Os campos da música e da educação musical são, também, afetados por esse estado de coisas, e as alterações que se apresentam a cada dia tornam difícil encontrar caminhos estáveis e adequados (FONTERRADA, 2008, p. 280)

Conseqüentemente, atentando aos movimentos que nascem dessa interação do educador musical e sua vivência no espaço escolar, reflete-se que primeiramente é preciso

compreender e reconhecer nossas insuficiências quanto aos diferentes saberes construídos pela humanidade. Souza Santos (2010) chamará essa competência de “douta ignorância”, isto é, a capacidade que temos de admitir que não conhecemos todos os saberes. O professor de música, ao reconhecer a existência de outros saberes, terá maior possibilidades para respeitar os conhecimentos que se achegam, podendo utilizá-los como elementos de intervenção cultural, sendo capaz de ampliar sua bagagem de experiências, tendo subsídios para utilizar desses saberes em suas próprias aulas de música. Em concordância com Santos, o pesquisador e educador musical Keith Swanwick, também valoriza os saberes que emanam do aluno e afirma que “cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música; eles são bem familiarizados com ela”. (SWANWICK, 2003, p.4). Desse modo, não desprezar ou excluir o saber do outro, nesse caso dos nossos alunos, é afirmar a igualdade de saberes e construir conhecimento na escola.

Outro ponto que o professor de música deve atentar-se é com relação a autonomia dos saberes. Ao pensar nos conteúdos utilizados pelo professor – sendo este um processo de subjetivação dos elementos que se relacionam com a escola – pondera-se que as aulas de música são momentos profícuos para provocar reflexões sobre o conhecimento em diferentes instâncias culturais. Ademais, alinhar a Educação Musical com eficientes práticas pedagógicas, incide-se sobre uma aprendizagem independente, relacionada com as manifestações de liberdade e, principalmente, pensada nas imposições midiáticas. Murray Schafer, ao denunciar as práticas inadequadas pela qual a Educação Musical atualmente é ensinada, destaca “que os professores não se pronunciam com firmeza suficiente contra a mercantilização da música pela indústria do entretenimento e o lixo que ela produz. (SCHAFER, 2018, p.11).

Por último, e não menos importante, é potencializar os diferentes saberes para fortalecer a diversidade cultural em sala de aula. Para isso, muitas aptidões e múltiplas capacidades devem ser agregada às práticas do professor. Lima afirma que

[...] muitas habilidades e competências devem ser incorporadas a docência: a parceria, a dialogicidade; o sentido de refletir sobre o velho para construir o novo; a humanidade na adequação dos processos de aprendizagem e ensino que melhor cumpram sua função pedagógica; a reflexão; o desapego aos preceitos cristalizados desprovidos de um sentido sociocultural; a reiteração de saberes e campos de conhecimento diversificados e práticas docentes alicerçadas nos princípios teóricos instituídos pela educação. (LIMA, 2016, p.47)

Na Escola Estadual Municipalizada Francisco Rodrigues Cabral, escola em que este pesquisador desenvolve suas atividades, a ruralidade é elemento presente. Situada na área limítrofe entre os municípios de Paracambi e Piraí, ambos no Estado do Rio de Janeiro, a escola apresenta baixa densidade de alunos. Há sete turmas, sendo duas de Educação Infantil e cinco do primeiro segmento do Ensino Fundamental. A escola tem aproximadamente 30 alunos no total e algumas turmas são multisseriadas. Todas as turmas são contempladas com as aulas de Educação Musical que se desenvolvem em turno único.

Lá, foi realizada uma prática em que cada criança precisava informar uma música que gostaria de cantar. A atividade resultou em um jogo musical com resultados significantes. Dos dezessete alunos participantes, apenas dois não quiseram participar. Quando os alunos começaram a pronunciar suas músicas, percebi que a partir do que proferiam, diferentes classificações surgiram – o que foi interessante. Música Popular Brasileira – MPB, Música Religiosa, Música Popular Estrangeira e Música da Mídia ou Popularesca foram as categorias³ que surgiram na escolha dos alunos. No que tange aos compositores, nomes como Alceu Valença, Luiz Gonzaga, Zeca Baleiro e Chistina Perri foram citados. Desse modo, pensando em alunos que cursam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, que vivem em meio aos constantes arremessos midiáticos, é possível ponderar que a atuação do professor de música nessa escola já vem promovendo possibilidades para a democratização do gosto musical e a abertura para outros elementos culturais coadunando com o que observa Swanwick:

[...] podemos ver que a música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança. (SWANWICK, 2003, p.4)

A experiência utilizada fomenta possíveis ações para se pensar conhecimentos distintos fundados colaborativamente na aula de Educação Musical, em que a atuação do professor impulsiona a dialogicidade intercultural no espaço rural, indo ao encontro precedido pelo conceito da “Ecologização” dos saberes.

4. Considerações Finais

Ao propor os elementos fundamentais e conceituais da Ecologia de Saberes como uma possibilidade de afirmação da cultura rural no espaço escolar e, considerando a Educação Musical como modo de conduta nessa trama, percebe-se que refletir acerca das ações do

professor de música enquanto legitimador dos conhecimentos divididos pelas linhas abissais se faz necessário desde a sua formação.

Dessa maneira, é imprescindível que o professor de música considere os saberes trazidos pelos alunos, deixando de ser apenas um “transmissor” de conhecimentos, mas atuando também como um moderador, conciliando didaticamente as diferentes manifestações culturais que germinam no chão da sala de aula. Às vezes, no intuito de apresentar o conhecimento empírico adquirido pela formação acadêmica, alguns recaem em vícios didáticos, reproduzindo, frequentemente, o conhecimento visível do lado do norte da linha e excluindo os saberes invisíveis do lado do sul.

Igualmente, é necessário repensar a relação imposta verticalmente, na direção que vem de cima para baixo, dado que existe determinado interesse político, econômico e social para que alguns modelos culturais se estabeleçam em prol de benefícios de poucos e em função da adesão acentuada de muitos. Aliás, propiciar o interesse em que a sensibilidade cultural, por meio dos distintos saberes, seja percebida por todos como adequado poderá resultar em transformação coletiva para o bem e dignidade do ser.

No âmbito da ruralidade, ao estudar os fenômenos do meio rural que envolvem a cultura musical, a partir de considerações dos alunos, torna-se possível pensar em propostas de mudanças para a legitimação de Educação Musical que seja dinâmica e produtiva. Mesmo porque, os elementos predominantes de formação da identidade cultural e conceitos de subjetividade estão entremeados nas estruturas sociais em que os distintos saberes possuem qualidade, competência e importância e, neste contexto, precisam ser igualmente valorizados.

Referências

DUARTE, Mônica. *Música e educação*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/97ae9a8e3b1ac87e763b73f165051786.pdf>. Acesso em: 01 02 2020.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. 2. ed. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

LIMA, Sonia R. Albano de. *Música, Educação e Interdisciplinaridade: uma tríade em construção*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2016.



PARDO, Fernando da Silva. *A Ecologia de Saberes e a Escola como espaço de Pluralidade de Saberes e Culturas*. In: *Claraboia*, Jacarezinho, n.2/2, p. 12-22, jul./dez., 2015. ISSN: 2357-9234.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007

_____. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de, MENESES Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A Praxis da Ecologia dos Saberes. Entrevista a Fernando Ferreira Carneiro, Noemi Margarida Krefta e Cleber Adriano Rodrigues Folgado. In: *Tempus*, actas de saúde coletiva, Brasília, v. 8, n. 2, p. 331-338, jun. 2014.

SCHAFFER, Murray. *OuvirCantar*. Tradução de Marisa T.O. Fonterrada. São Paulo Ed. Unesp. 2018.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

¹ A multisseriação é uma forma de organização da escolarização previamente determinada pelos sistemas de ensino em que tempos de escola, tempos de formação/escolarização podem estar didaticamente divididos.

² “Santos formulou um pensamento denominado ‘Epistemologias do Sul’, a partir do qual se constata que os domínios desses modelos de desenvolvimento passam também pela ciência, que serve para reforçar todo o processo de invisibilidade e opressão que essas populações vêm sofrendo. Como uma das propostas para romper com essa monocultura de um só saber está a Ecologia de Saberes, que valoriza os outros saberes produzidos pela luta dos oprimidos a esse modelo”. (SOUZA SANTOS, 2014, p.331)

³ Duarte (2010), propôs classificação do repertório musical baseada na teoria das representações sociais: Música erudita ou música de concerto; Música popular ou MPB; Música instrumental; Música folclórica; Músicas do mundo; Música popular estrangeira; Música da mídia ou popularesca e Música religiosa.